

COLEÇÃO ESTUDOS CARIOCAS



**Juventude e desenvolvimento: um estudo
sobre os “nem-nem”
na Cidade do Rio de Janeiro**

**Nº 20131001
Outubro - 2013**

Camila Ferraz, Katcha Poloponsky e Felipe Russo –
IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, vinculada ao portal de informações do Instituto Pereira Passos (IPP) da Secretaria Municipal da Casa Civil da Prefeitura do Rio de Janeiro:

www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos, bem como os dos colaboradores internos, sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade: A periodicidade é anual, mas o número de artigos por edição é variável, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Conselho Editorial: Fernando Cavallieri

JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO: UM ESTUDO SOBRE OS “NEM-NEM” NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Camila Ferraz⁽¹⁾, Katcha Poloponsky⁽²⁾ e Felipe Russo⁽³⁾ – IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

1 - Introdução

Estudos e debates recentes têm apontado a persistência da desigualdade no Estado do Rio de Janeiro, cujo ritmo de redução nos últimos anos tem se mostrado aquém dos demais Estados do Sudeste e do Brasil. Tal persistência se expressa de distintas formas e intensidades no território quando consideramos a área não metropolitana do Estado, a periferia da Região Metropolitana e a Capital,¹ esta última líder em desigualdade. O presente estudo aborda uma das faces da desigualdade na cidade do Rio de Janeiro, que é a forte presença de um grupo etário marcado pela dificuldade ou impossibilidade de acesso ao sistema educacional e ao mercado de trabalho num momento crucial de suas trajetórias de vida: os chamados “nem-nem”, jovens de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e não procuram emprego.

A presença dos “nem-nem” é apontada por alguns analistas² como um fenômeno de caráter estrutural por sua persistência no tempo. Não é uma particularidade do Rio de Janeiro, mas está presente no Brasil e no mundo, vide as repercussões sobre a população jovem nos países mais afetados pela Crise Europeia. Mas, diferentemente do perfil europeu deste grupo, mais concentrado na classe média, no caso do Brasil e do Rio de Janeiro – que é foco deste estudo –, a juventude excluída do mercado de trabalho e do ensino regular é, em grande parte, pobre, negra, composta majoritariamente por mulheres e com baixa escolaridade, conforme veremos detalhadamente neste trabalho com base nos dados do Censo do IBGE, 2000 e 2010.³

Para além das respostas fáceis e muitas vezes preconceituosas – como dizer que esse jovem “não faz nada” ou “é um criminoso” –, interessa-nos compreender qual é o real perfil deste grupo de jovens na cidade do Rio de Janeiro. A hipótese subjacente é de que o caráter estrutural do fenômeno dos “nem-nem” pode ser um dos elementos centrais para resistência à queda da desigualdade na Capital fluminense (e do Estado como um todo).

Para aprofundar o conhecimento sobre o perfil desse grupo, utilizamos como base os dados do Censo do IBGE (2000 e 2010), cientes da limitação da abordagem puramente quantitativa para obtenção de respostas. Abrindo, portanto, possibilidades para uma agenda de pesquisa futura mais ampla e interdisciplinar. No âmbito do IPP, esse entendimento é fundamental para a elaboração e proposição de políticas públicas com foco na inclusão educacional e produtiva do jovem carioca.

(1) Assessora de Estudos e pesquisas socioeconômicas da Diretoria de Desenvolvimento Econômico Estratégico (DDEE) do IPP

(2) Gerente de Análise Econômica da DIC do IPP

(3) Assistente de Estatística da DIC do IPP

¹ A desigualdade socioeconômica do Estado analisada a partir de seus distintos recortes territoriais (Capital, periferia da Região Metropolitana e área não metropolitana) foi recentemente analisada pelo IETS em parceria com o Sebrae /RJ no âmbito do Observatório das MPE e divulgado no 3º Seminário Oportunidades no Rio, promovidos pelo jornal *O Globo*. Disponível em: <http://iets.org.br/noticia/a-capital-dos-conta-proprias-e-a-encrenca-metropolitana>

² Ver CARDOSO (2013) e SAE (2013).

³ Os dados foram tratados e elaborados pela Gerência Estatística da DDEE (IPP).

O estudo está dividido em duas partes. Na primeira, apresenta-se um painel que associa a dinâmica de variáveis socioeconômicas na Cidade do Rio de Janeiro, em especial do mercado de trabalho, com a população jovem de 15 a 24 anos. Já a segunda parte do estudo dedica-se ao entendimento do perfil do “nem-nem”, sob diversos aspectos como diferentes faixas etárias, sexo, escolaridade e renda. Fechando o estudo, serão apresentadas algumas considerações finais e proposições de agenda de pesquisa e de políticas para juventude na Cidade.

2 - Juventude, mercado de trabalho e educação

Segundo estudos recentes da SAE⁴ e do Ipea, vivemos, em 2008, o pico demográfico de jovens no Brasil. Nas próximas décadas, a juventude brasileira declinará a uma velocidade muito maior do que todas as outras juventudes do mundo. Mas qual a real capacidade da juventude brasileira em ser vetor de desenvolvimento no futuro do país? Em que medida o jovem, de fato, se inscreve na estrutura econômica e educacional do país?

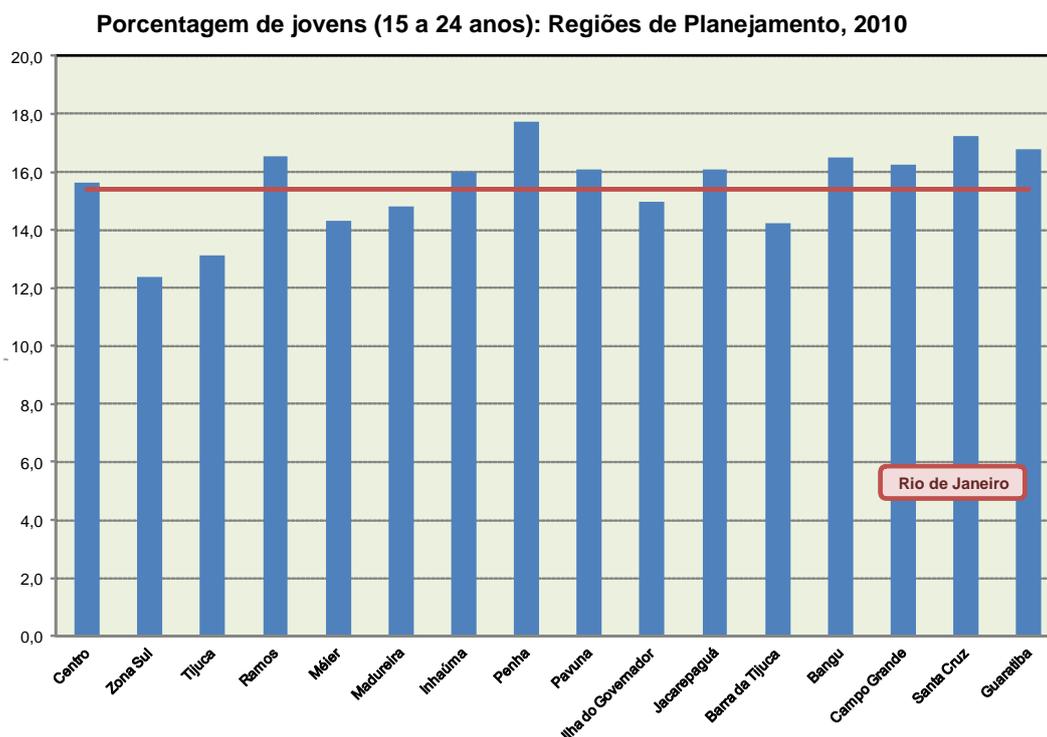
De acordo com dados do Censo (IBGE),⁵ os jovens entre 15 e 24 anos representam 15,4% do total dos moradores do Município do Rio de Janeiro, em 2010. Em 2000, eram 17,5%, o que demonstra a tendência de redução desse percentual. Quando analisamos pela ótica favela e não favela,⁶ vemos que nas favelas esse percentual chega a 19,1%; e nas não favelas, ou seja, bairros formais sem as áreas de favela, a presença cai para 14,3%. Significa dizer que na Cidade do Rio de Janeiro os jovens são muitos (972.856) e estão presentes, mais fortemente, nas áreas mais vulneráveis da Cidade.

⁴Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf>

⁵Os *Cadernos do Rio* – uma publicação do IPP disponível no site do Armazém de Dados – oferece 10 estudos temáticos, sendo um deles sobre o tema da Juventude na Cidade. Para mais informações, acessar: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>

⁶ Os dados do Censo referentes à favela derivam do questionário do universo do Censo. Trata-se de um questionário mais curto e que é respondido por todas as pessoas, o que permite desagregar dos dados por favelas.

Gráfico 1



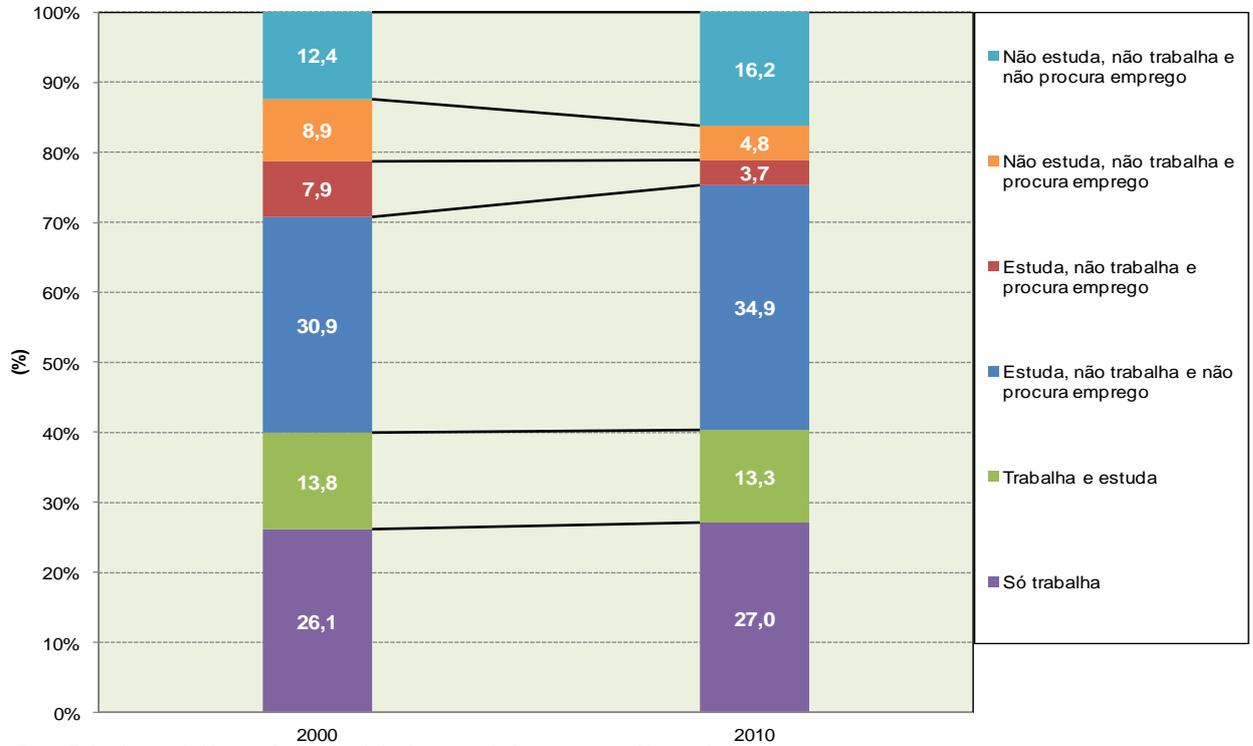
Considerando o mercado de trabalho, em 2010, 56,7% dos residentes no Rio de Janeiro estavam trabalhando ou procurando emprego. Esta taxa de atividade é maior se comparada à de 2000, mas inferior aos demais Estados do Sudeste e do Brasil. Houve avanços no que se refere à redução do desemprego, que passou de 15,9% (2000) para 7,3% (2010), em nível menor do que as taxas do Brasil (7,6%) e da Cidade de São Paulo (7,5%). Também em termos de grau de formalização, o último Censo mostra melhorias: em 2010, 55,6% dos trabalhadores ocupados na cidade tinham carteira assinada e 14,5% não possuíam carteira de trabalho. Em 2000 eram de, respectivamente, 48,3% e 18,3%.

Quando se desagregam os indicadores de mercado de trabalho por faixa de idade, entretanto, verifica-se uma situação muito mais crítica entre os jovens de 15 a 24 anos. Além de ser o grupo com menor taxa de atividade (48,9%) – o que, em parte, se explica pela maior rotatividade de emprego nesta faixa etária –, a taxa de participação caiu entre 2000 e 2010, de 56,8% para 48,9%. Eles também possuem mais elevada taxa de desemprego (17,5%), sendo a taxa média da cidade de 7,3%.

Ao contrário do que possa parecer – que esse grupo de jovens esteja na escola, uma verdade, apenas em parte, para os mais novos, de 15 a 17 anos –, eis a realidade: são 16,2% os jovens, de 15 a 24 anos, que não estudam, não trabalham e não procuram emprego, em 2010 (Gráfico 2). Em 2000, somavam 12,4%.

Gráfico 2

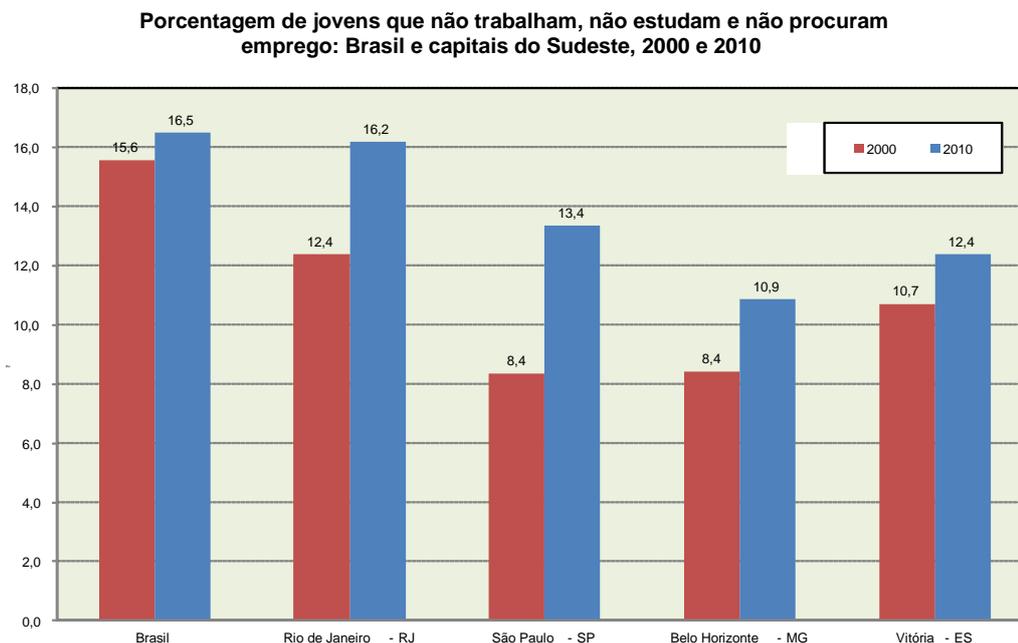
Distribuição dos jovens entre 15 e 24 anos por atividade: cidade do Rio de Janeiro, 2000 e 2010



Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

O que chama a atenção do Rio de Janeiro, em particular, é que **o percentual de “nem-nem-nem” é bastante superior a todas as demais capitais do Sudeste**, conforme podemos observar no gráfico 3, a seguir. Além disso, o número de “nem-nem” da Cidade do Rio de Janeiro cresceu 26,3%, de 2000 a 2010, acima da expansão de São Paulo e do Brasil de, respectivamente, 15,4% e 7,6%. Já em relação à população, a proporção dos jovens “nem-nem”, por sua vez, cresceu mais em São Paulo (59,5%) do que no Rio de Janeiro (30,6%), entre 2000 e 2010.

Gráfico 3



Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em

Um grave problema a ser enfrentado no caso dos jovens refere-se à evasão e ao atraso escolar. A taxa de escolarização líquida do Ensino Médio, ou seja, aluno cursando a série certa na idade certa – dos jovens de 15 a 17 anos – era de 50,6% em 2010. A taxa de distorção, ou seja, porcentagem de alunos com 2 anos ou mais de atraso escolar no Ensino Médio também se encontra em nível alto, 44,9%. O quadro piora ainda mais quando se observa que 20,4% das jovens entre 15 e 24 anos têm pelo menos um filho e que, em territórios de favela, a chefia familiar é antecipada para 25 a 34 anos, enquanto nos territórios não favela esta faixa é de 45 a 54.

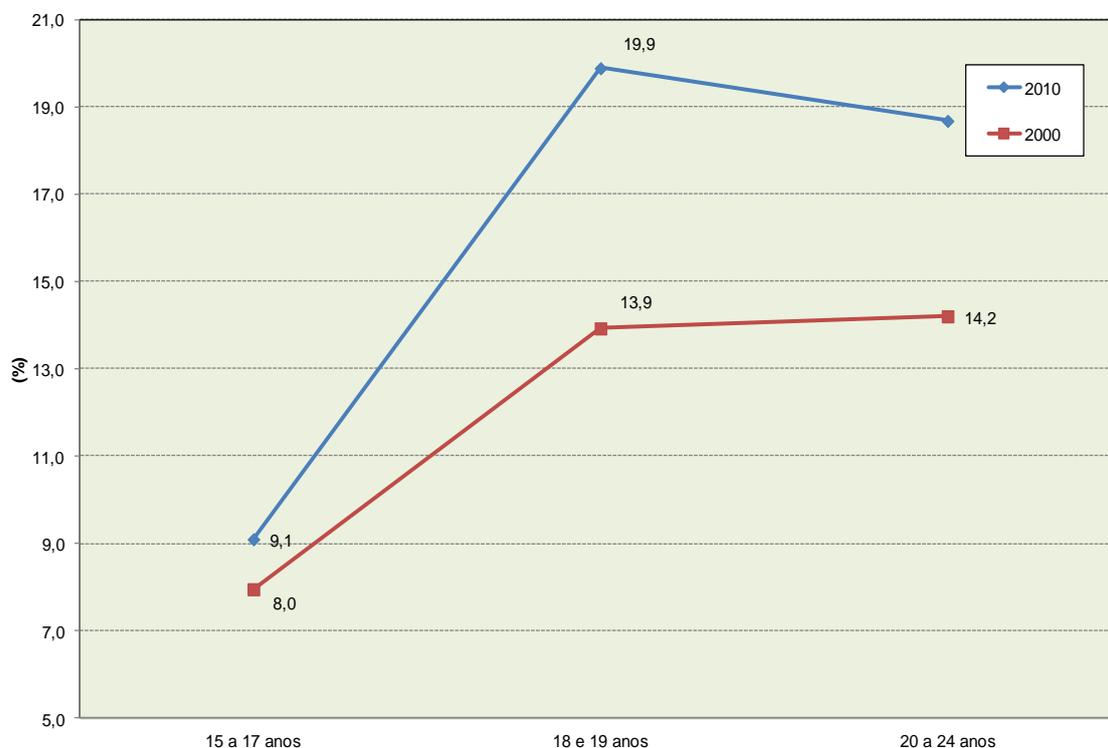
Diante deste quadro, fica o grande desafio de entender quem é esse jovem e como promover sua inclusão produtiva. A próxima seção caracterizará, com maiores detalhes, o jovem que não estuda não trabalha e não procura emprego na Cidade do Rio de Janeiro.

3 - Caracterização do “nem-nem” na Cidade do Rio de Janeiro

Ao desagregar os jovens excluídos ou afastados do mercado de trabalho e do sistema escolar por faixas etárias (15 a 17, 18 a 19 e 20 a 24 anos), verifica-se que **o maior percentual de jovens que não estudam, não trabalham e não procuram emprego está entre a faixa etária de 18 e 19 anos**, seguido pela de 20 a 24 anos, conforme pode ser visto no gráfico 4.

Gráfico 4

Porcentagem de jovens por faixa de idade que não estudam não trabalham e não procuram emprego: Cidade do Rio de Janeiro, 2000 e 2010



Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

O menor percentual, por sua vez, encontra-se na faixa de 15 a 17 anos, dentre os quais 86,5% estão estudando. É importante destacar o fato de os jovens dessa faixa estarem apenas estudando, porque ainda não completaram o Ensino Médio e o trabalho pode ser prejudicial a sua formação. Nesse caso, o Rio apresenta a segunda melhor posição dentre todas as capitais brasileiras, com 74,7% dos jovens (de 15 a 17 anos) apenas estudando, sem trabalhar, nem procurar emprego. Esse percentual é inferior apenas ao da cidade de São Luiz.

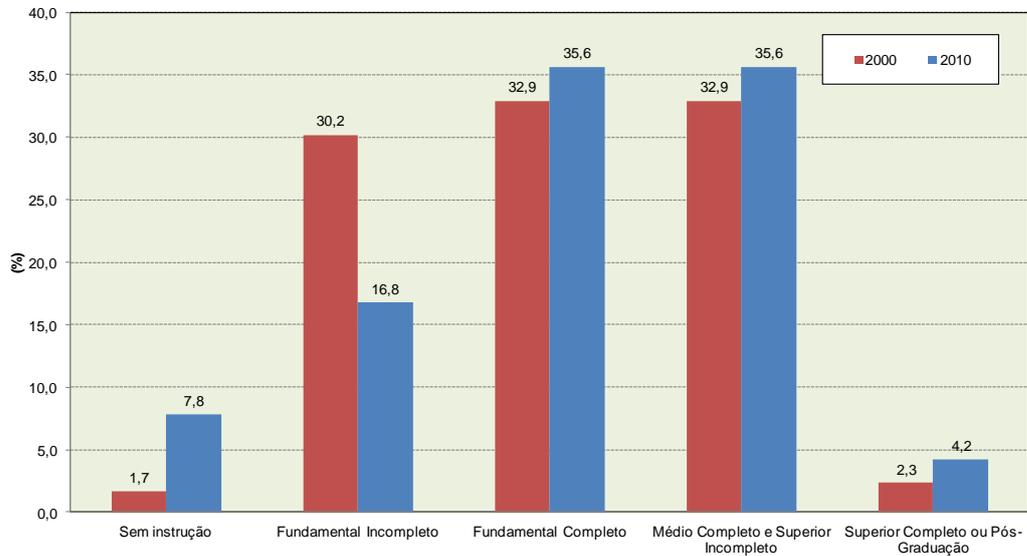
Considerando os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram emprego, pode-se perceber uma mudança no perfil quanto à faixa de escolaridade: em 2000, 46,7% tinham o Ensino Fundamental Incompleto, caindo para 20,7% em 2010. A maior parte dos “nem-nem” em 2010 tinha Ensino Médio completo e Superior incompleto (38,6%).

Essa mudança comprova a dificuldade do jovem de, ao terminar o Ensino Médio, conseguir o seu primeiro emprego ou de entrar para a faculdade. O problema em 2000, que era caracterizado pela falta de instrução, em 2010 passou a ser por falta de oportunidade.

Comparando os microdados do Censo 2000 e 2010 **pode-se notar um aumento na escolaridade dos jovens em geral** (gráfico 5), o que não implicou uma diminuição dos “nem-nem”.

Gráfico 5

Distribuições de jovens por faixa de escolaridade: Rio de Janeiro, 2000 e 2010

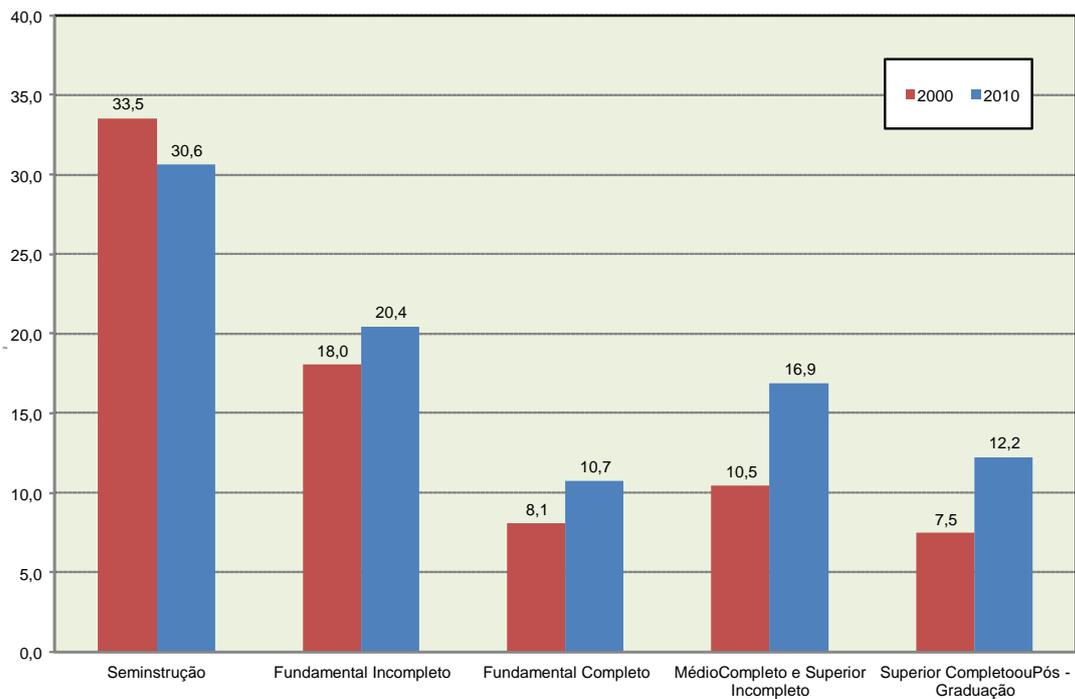


Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostrado Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

Numa abordagem diferente, 10,5% dos jovens com Ensino Médio completo eram “nem-nem” em 2000, subindo para 16,9% em 2010. Daqueles com Superior completo ou Pós-graduação, o percentual de “nem-nem” passou de 7,5% para 12,2%, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 6

Porcentagem de jovens de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham, e não procuram emprego, por escolaridade : cidade do Rio de Janeiro, 2000 e 2010



Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

Esses dados, em conjunto com a alta taxa de desemprego, reforçam a tese de **falta de oportunidade para o jovem, que, apesar de mais escolarizado, tem enfrentado dificuldades para encontrar emprego.**

Outra informação evidenciada no gráfico anterior é que os jovens de baixa escolaridade continuam com dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, subindo a porcentagem de “nem-nem” daqueles com Fundamental incompleto de 18,0% para 20,4%.

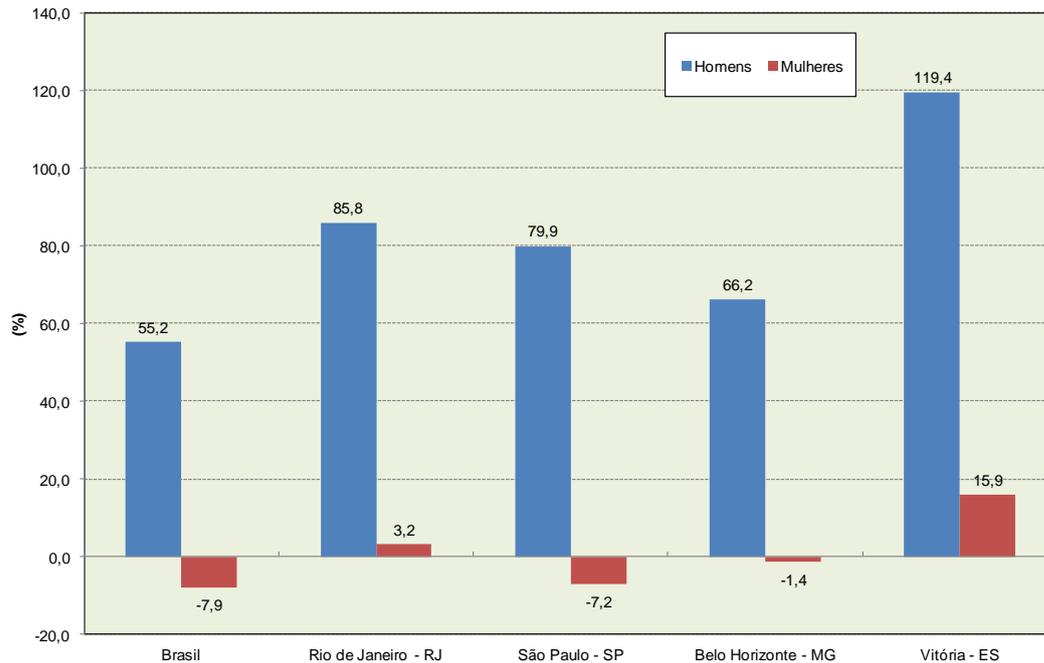
No que tange à análise de gênero, sabe-se que mulheres predominam na Cidade do Rio de Janeiro. Elas representam 53,2% da população, enquanto os homens são 46,8%. Já entre a população jovem de 15 a 24 anos, a proporção de homens e mulheres é a mesma (50%). Contudo, há diferenças consideráveis no que se refere à inserção dos homens e mulheres jovens no mercado de trabalho e no sistema escolar.

Dentre as mulheres jovens (15-24anos), o percentual daquelas que não estudam, não trabalham e não procuram emprego, de 19,1%, é superior ao dos homens na mesma faixa etária, de 13,3% (sendo 16,2% a média de “nem-nem” entre os jovens, conforme visto anteriormente).

Em decorrência da maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, a presença de “nem-nem” entre as jovens vem diminuindo não apenas no Brasil, como um todo, mas em todas as capitais selecionadas (com exceção de Vitória). Em movimento contrário, o Rio de Janeiro apresenta crescimento da proporção de “nem-nem” entre as mulheres jovens, de 3,2% entre 2000 e 2010 (Gráfico 7). Já entre os homens, a taxa de crescimento é de 85,8%, acima do Brasil e da maioria das capitais do Sudeste. Importante notar que, na média dos jovens de 15 a 24 anos, a expansão do número de “nem-nem” foi de 26,3%, também acima do Brasil, de São Paulo e Belo Horizonte (respectivamente, 7,6%, 15,4%, e 17,6%) e abaixo de Vitória (40,8%).

Gráfico 7

Taxa de crescimento entre 2000 e 2010 dos homens e mulheres entre 15 e 24 anos que não estudam, não trabalham e não procuram emprego: Brasil e capitais do Sudeste

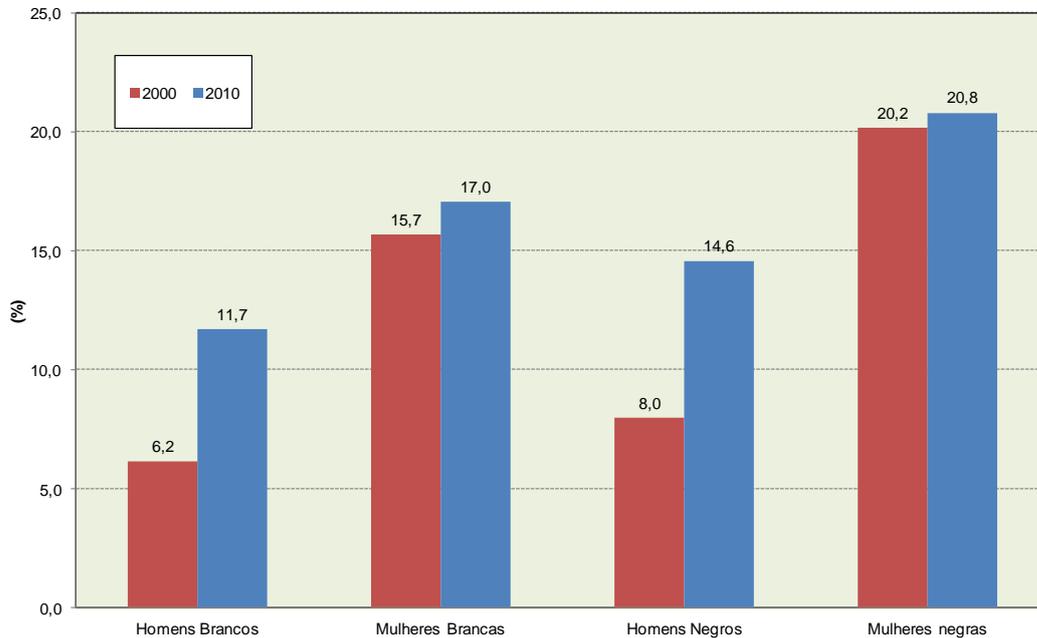


Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

Se desagregarmos ainda por sexo e raça, vê-se a predominância da desigualdade racial e de gênero, com mais elevado percentual de “nem-nem” entre negros e mulheres, como por ser visto no Gráfico 8. As maiores taxas de crescimento entre 2000 e 2010, figuram entre os homens jovens, sejam eles negros ou brancos, com quase o dobro de expansão no mesmo período. Entre os “nem-nem”, o percentual de mulheres (brancas e negras) cresceu menos, embora permaneça de 2000 a 2010 em patamares extremamente elevados.

Gráfico 8

Porcentagem de jovens de 15 a 24 anos que não estudam não trabalham e não procuram emprego por sexo e cor: Rio de Janeiro, 2000 e 2010

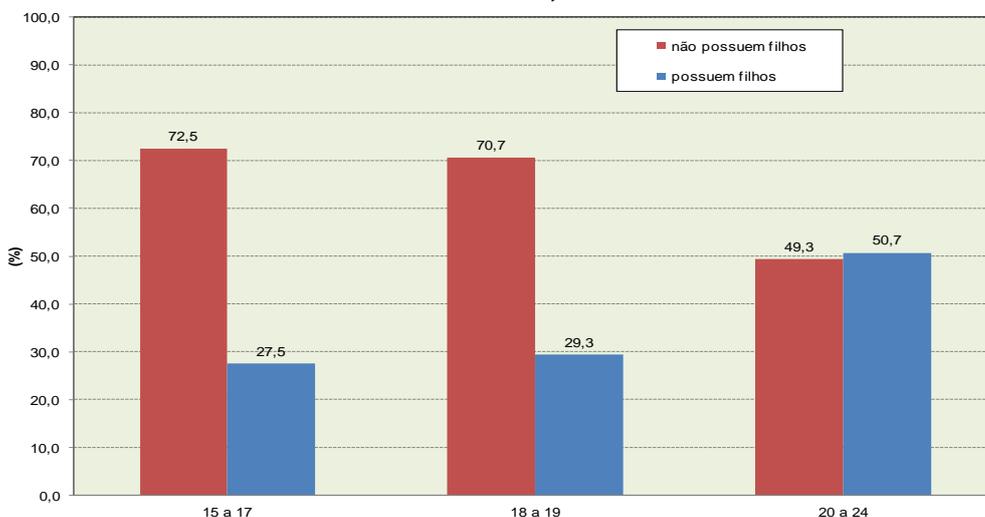


Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

Em que medida a presença de filhos entre as mulheres de 15 a 24 anos está relacionada ao afastamento ou exclusão do mercado de trabalho e do ensino regular? O gráfico 9 mostra que a presença de filhos contribui, de fato, para o número de mulheres que não estudam, não trabalham e não procuram emprego, mas esta influência é diferente e com variações por faixa etária. A análise, por faixa de idade, da distribuição das mulheres que têm filho e que não têm filho, mostra que a influência do filho é maior na faixa entre 20 e 24 anos, ou seja, das mulheres que já deveriam ter concluído o Ensino Médio. Já na faixa de idade mais crítica (18 a 19 anos) com maior percentual de “nem-nem”, a presença de filhos tem menor poder explicativo.

Gráfico 9

Distribuição de mulheres que não trabalham, não estudam e não procuram emprego por presença de filhos e faixa etária: cidade do Rio de Janeiro, 2010

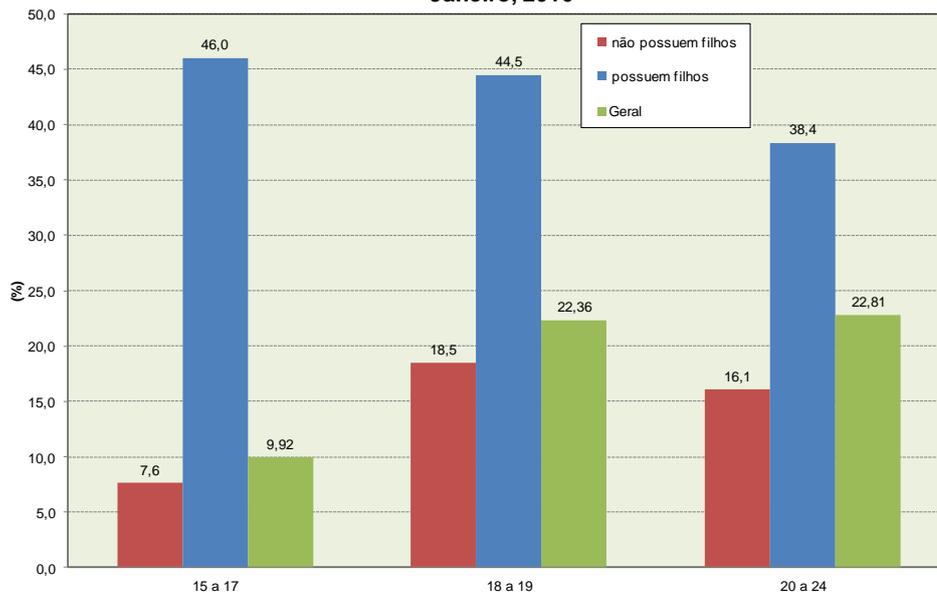


Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

O gráfico 10 mostra o percentual de “nem-nem” por faixa etária e presença de filhos. Verifica-se que, em 2010, quase 50% das mulheres de 15 a 19 anos que possuíam filhos eram “nem-nem” (barras azuis). Este elevado percentual, contudo, não influencia o percentual de “nem-nem” entre o total das mulheres nesta faixa etária (barras verdes do gráfico 10), justamente porque, conforme vimos no gráfico 9, há maior presença de “nem-nem” sem filhos nesta faixa etária (70,7%), do que com filhos (29,3%).

Gráfico 10

Porcentagem de mulheres que não trabalham, não estudam e não procuram emprego por presença de filhos e faixa etária : cidade do Rio de Janeiro, 2010

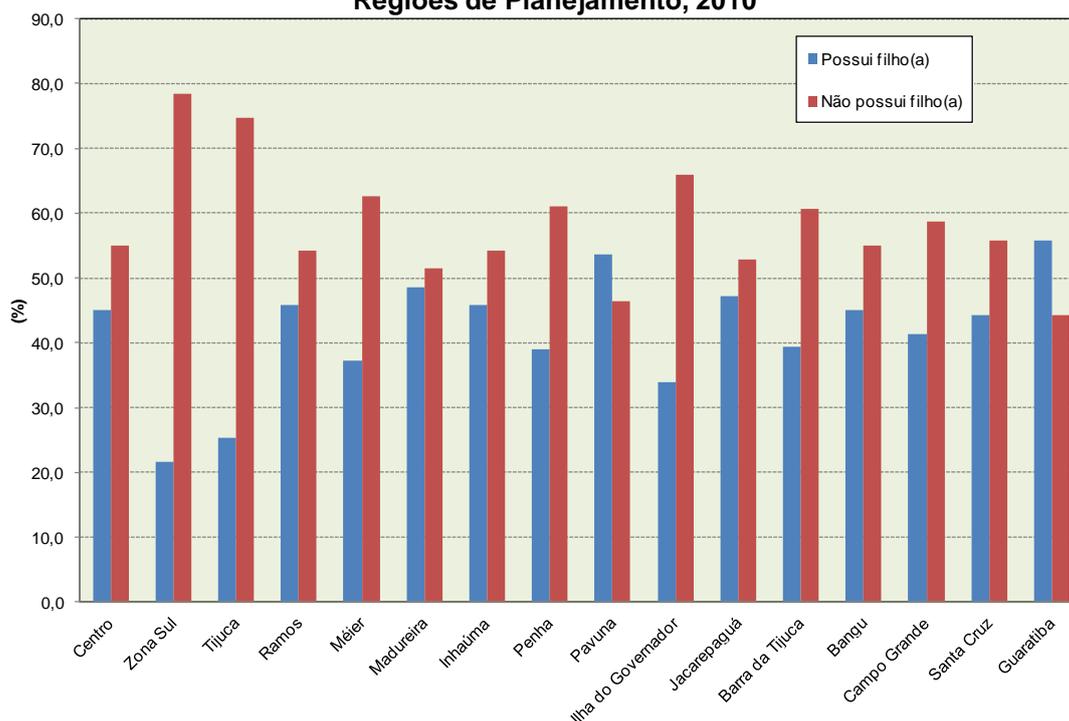


Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

Em suma, há um elevado percentual de “nem-nem” entre as mulheres que possuem filhos, porém ter filho não é o principal fator explicativo para a exclusão ou afastamento das mulheres do mercado de trabalho e do ensino regular. Outras explicações podem não estar sendo captadas pelos dados do Censo. Por exemplo, chama muita atenção a elevada presença de mulheres “nem-nem” sem filhos nas Regiões de Planejamento com maior poder aquisitivo do Rio de Janeiro, como pode ser observado no gráfico 11.

Gráfico 11

Distribuição das mulheres jovens de 15 a 24 anos que não estudam não trabalham e não procuram emprego por presença de filhos: Regiões de Planejamento, 2010



Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

Importante destacar que os dados do Censo cobrem apenas o ensino regular⁷. Não são captados outros cursos como preparatório para concursos ou cursos técnicos e profissionalizantes. Por conta dessa limitação, utilizamos separadamente o suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad, de 2007, para analisar o papel dos cursos técnicos e profissionalizantes entre os jovens. Os resultados constam no Box 1, a seguir.

⁷ Foi pesquisado se a pessoa era estudante, ou seja, se frequentava curso de ensino regular (fundamental, médio, primeiro grau, segundo grau ou superior de graduação), de mestrado ou doutorado, pré-escolar, alfabetização de jovens e adultos, educação de jovens e adultos ou supletivo ministrado em escola, ou pré-vestibular, ou se frequentava creche.

Box 1. Educação profissional e nem-nem-nem

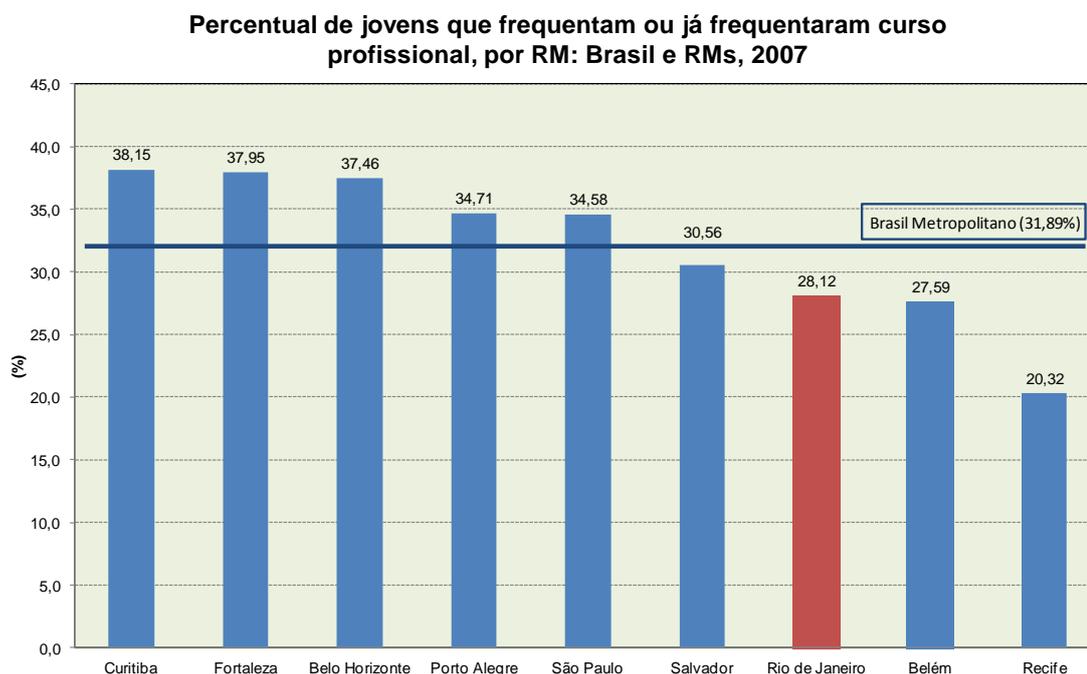
A Pnad 2007 investigou, como tema complementar resultante de convênio com o Ministério da Educação, as características da educação de jovens e adultos para os moradores de 15 anos ou mais de idade e a educação profissional para os moradores de 10 anos ou mais de idade.

Essa pesquisa teve por objetivo captar o alcance desta forma de educação, voltada para dar oportunidade de formação à população que não teve acesso ou que não teve possibilidade de completar os níveis educacionais Fundamental e Médio e de alfabetização nas idades apropriadas, caracterizando aspectos relevantes relacionados aos cursos oferecidos nas diferentes modalidades. A pesquisa sobre educação profissional visou a traçar um perfil da população relacionado ao acesso e formação nos segmentos de qualificação profissional, técnico de nível médio e graduação tecnológica.

Infelizmente, a referida pesquisa não gerou amostra suficientemente representativa para o Município do Rio de Janeiro, mas apenas para a Região Metropolitana e Estado.

Dentre as nove Metrôpoles consideradas pela Pnad, **o Rio de Janeiro apresenta o terceiro menor percentual (28,2%) de jovens de 15 a 24 anos que frequentam ou já frequentaram cursos de educação profissional**, acima de Belém e Recife, mas abaixo das demais metrôpoles e do Brasil metropolitano, conforme mostra o gráfico a seguir. Na comparação com os demais Estados, esse mesmo percentual é inferior aos vizinhos do Sudeste (exceto Espírito Santo), mas levemente superior à média do Brasil.

Gráfico 12



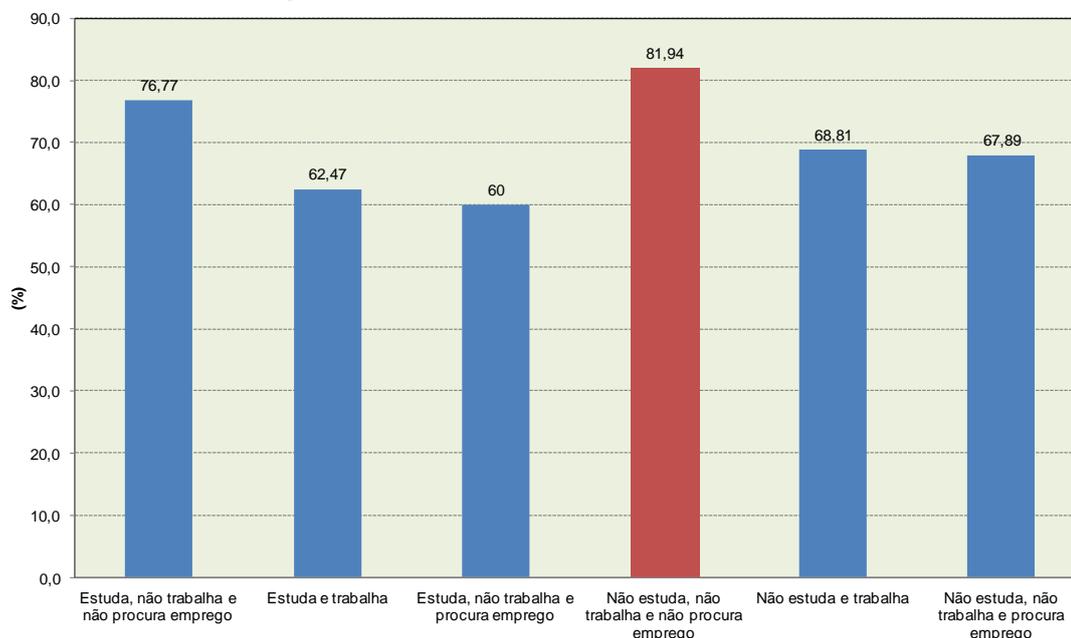
Fonte: Pesquisa Nacional por amostragem de domicílios, 2007

Desagregando a análise da frequência na educação profissional por atividade do jovem, nota-se que **o maior percentual de jovens que não frequentam nem nunca frequentaram ensino profissionalizante consta entre os “nem-nem” (81,9%)**, conforme barra vermelha do gráfico a seguir. Já o menor percentual (60%) entre aqueles que ‘só estudam, não trabalham e procuram emprego’, indica que esse perfil – dos que estudam no ensino regular – parece ter sido o maior foco dos cursos técnicos e

profissionalizantes.

Gráfico 13

Percentual de jovens que nunca frequentaram curso profissional, segundo atividade: RM do Rio de Janeiro, 2007



Fonte: Pesquisa Nacional por amostragem de domicílios, 2007

Os dados acima mostram que **no Rio de Janeiro há um grande potencial para expansão da oferta de cursos profissionalizantes. Esse potencial é tanto maior entre os jovens que estão fora do mercado de trabalho e do ensino regular.**

O conteúdo dos cursos profissionalizantes e o número de jovens que trabalham na mesma área do curso, entretanto, não puderam ser captados pela Pnad 2007, nem mesmo para a Região Metropolitana, por causa da baixa representatividade da amostra. Para tanto, outras pesquisas seriam necessárias a fim de captar a demanda e oferta de cursos deste tipo para jovens de 15 a 24 anos. Nesse sentido, a Fecomércio do Rio de Janeiro divulgou recentemente um estudo de cenário da educação técnica no Estado do Rio de Janeiro, com base no Censo da Educação Básica no Brasil, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. As informações do Censo refletem a realidade de matrículas das instituições na data de referência estabelecida pelo Inep, última quarta-feira do mês de maio de 2012. (30/5/2012).

Os resultados da pesquisa revelam que, dentre os Estados mais relevantes para o mercado de técnicos nacional, **o RJ é o Estado com maior participação do Sistema S.**⁸ Os 5 cursos com mais matrículas no Estado fluminense são também os 5 maiores no Brasil.

O mercado de educação técnica vem crescendo a uma taxa média anual de 10% nos últimos 6 anos, porém, em 2012, o crescimento foi de 24% sobre o ano anterior. **As matrículas do ensino técnico cresceram 24% em 2012, sendo que grande parte desse crescimento foi impulsionado pelo Sistema S (45% do crescimento).** O mesmo estudo releva ainda que os três principais *players* do mercado

⁸ Conjunto de entidades (como Sebrae, Senac, Senai, etc.), com nome iniciado com a letra S, na maior parte de direito privado, voltadas para treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, etc. São financiadas pela arrecadação advinda das Contribuições.

criaram acima do mesmo: Faetec – 26%, Senac – 37% e o Senai – 88%, de 2007 a 2012. As instituições privadas (como um todo) continuam protagonizando o crescimento do mercado, seja no aumento da participação no número de matrículas ou na instalação de novas unidades.

No que tange à disposição geográfica, 66% dos alunos dos cursos técnicos moram na região metropolitana do Estado. **A Cidade do Rio de Janeiro é a que possui maior número de alunos residentes (37,5%)**, seguida por Campos (6,8%) e São Gonçalo (5,3%). **Os eixos mais relevantes do mercado de cursos técnicos do Estado (111.100 matrículas, em 2012) são:**

- Controle e Processos (25%) – Cursos relacionados exclusivamente ao ambiente Industrial (Mecânica, Eletrotécnica, Eletrônica, Eletromecânica, Automação Industrial, Química);
- Saúde e Ambiente (22%);
- Gestão e Negócios (18%);
- Segurança (14%); e
- Informação e Comunicação (9%).

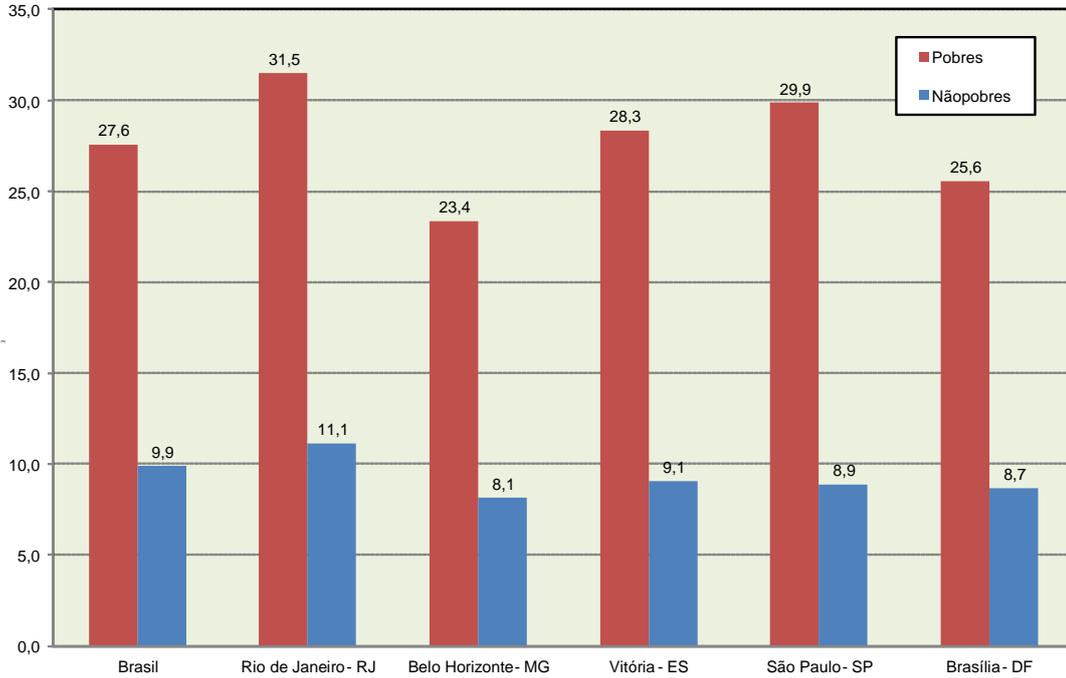
Em 2012, o eixo de Controle e Processos obteve o maior ganho em número absoluto de matrículas (7.154), seguido por Gestão e Negócios (3.417) e Segurança do Trabalho (3.088). Porém, **o eixo de Produção Cultural e Design conseguiu o maior crescimento sobre a própria base (59%)** de 2011 a 2012. Destacaram-se também: Turismo e Hospitalidade (37%), Informação e Comunicação (35%) e Controle e Processos (34%).

Segundo o estudo divulgado pela Fecomércio, houve no Senac uma **mudança no perfil dos alunos: mais jovens e de menor renda, de 2011 a 2012**. Essa é uma iniciativa a ser fortalecida e disseminada, qual seja, a de reconhecer como demanda potencial a ampla parcela da população jovem cuja exclusão dos sistemas de ensino regular e do mercado de trabalho torna ainda mais fundamentais o acesso a cursos técnicos e profissionalizantes. Para tanto, é preciso haver maior articulação entre oferta de cursos e a demanda por trabalho, além do fomento a políticas públicas focadas na juventude. É fundamental que se inove no formato e conteúdo dos ensinamentos profissionalizantes, em especial daqueles com foco na população de 15 a 24 anos e com menor poder aquisitivo.

As razões para exclusão do mercado de trabalho e do ensino formal parecem estar mais fortemente associadas a fatores de caráter estrutural, como a pobreza. O percentual de “nem-nem” pobres na Cidade do Rio de Janeiro é de 31,5%, bastante superior ao de não pobres, a saber, de 11,1%. Quando comparada a outras capitais (gráfico 14), a capital fluminense mostra os mais altos percentuais de “nem-nem”, tanto entre pobres quanto entre os não pobres.

Gráfico 14

Porcentagem de jovens pobres e não pobres de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e não procuram emprego: Brasil e capitais selecionadas - 2010

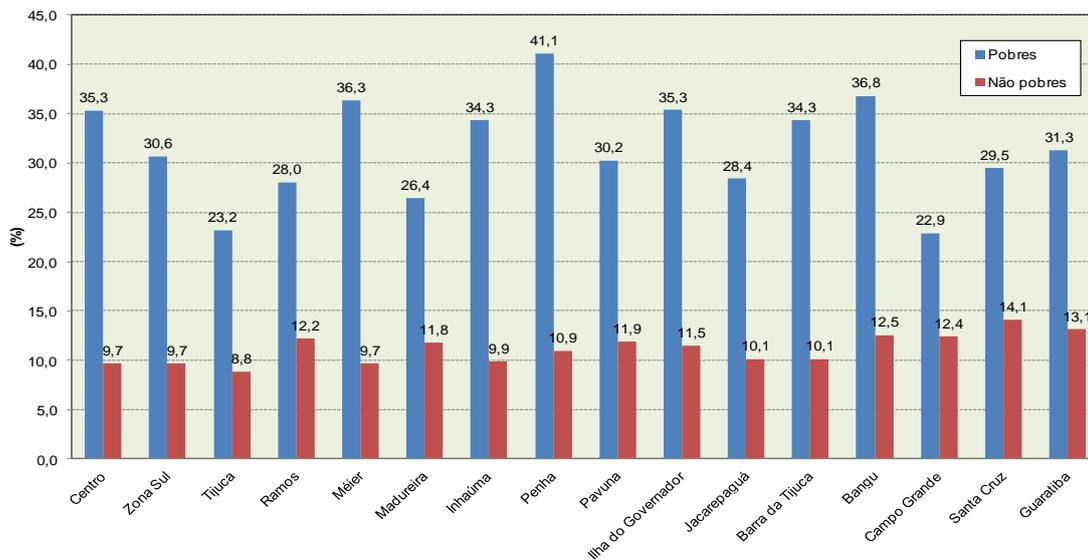


Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.
 Nota: Foi considerada pobre a família com renda domiciliar per capita inferior a 1/2 salário mínimo

A pobreza é, realmente, um fator marcante entre os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram emprego. O gráfico 15 mostra que isso ocorre em todas as 16 Regiões de Planejamento, mas com maior intensidade nas regiões da Penha e Bangu.

Gráfico 15

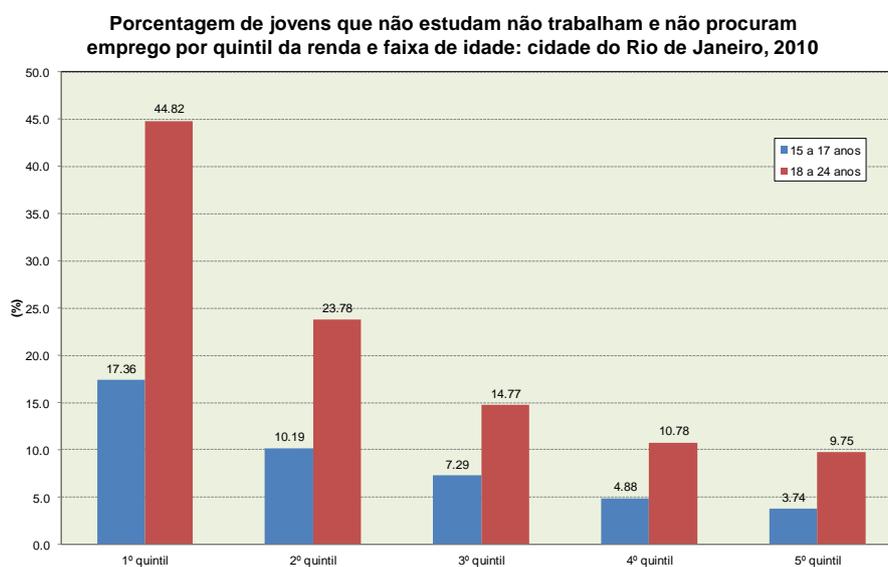
Porcentagem de jovens pobres e não pobres de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e não procuram emprego: Regiões de Planejamento, 2010



Fonte: Estimativas produzidas através dos microdados da amostra do Censo 2010, extraído em 25/07/2012.

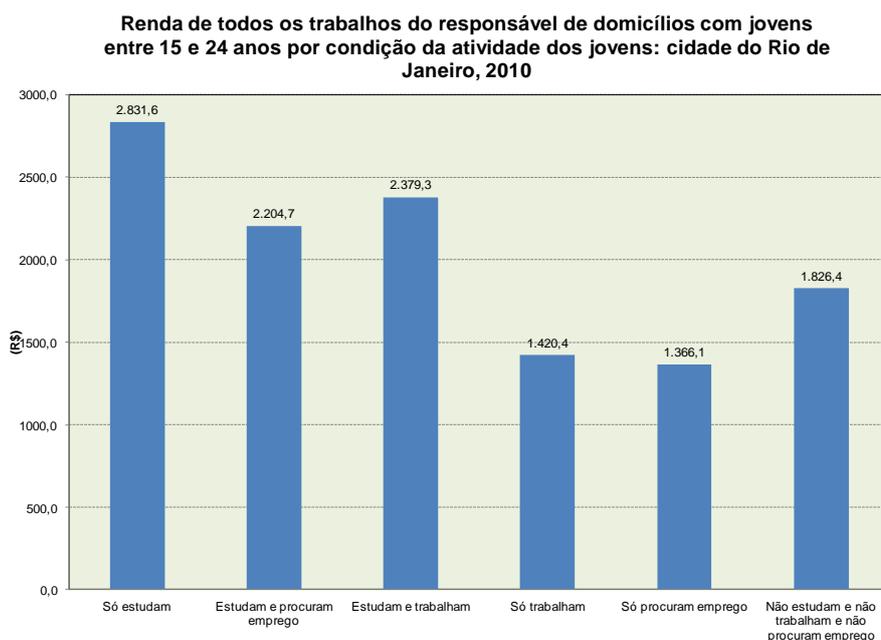
Separando por quintil de renda e por pobreza, percebe-se que, entre os jovens de 18 a 24 anos e no mais baixo quintil de renda, consta o maior percentual de jovens que não estudam, não trabalham e não procuram emprego, de 44,8%.

Gráfico16



A vulnerabilidade das famílias com a presença de jovens “nem-nem” é claramente maior do que naquelas em que o jovem apenas estuda ou estuda e trabalha. Isso pode ser evidenciado pela renda dos responsáveis pelo domicílio. Em 2010, a renda dos chefes de família em que o jovem só estudava (R\$2.831,6) era bastante superior à renda dos responsáveis por famílias com “nem-nem” (R\$1.826,4). Desse modo, há grandes dificuldades, no âmbito familiar, de romper com esta situação dos jovens, o que torna fundamental a criação de vetores simultâneos de inclusão deste jovem no ambiente externo. Tanto através de políticas públicas educacionais para maior cobertura e qualidade da educação, quanto pela inclusão do jovem no mercado de trabalho e na economia.

Gráfico 17



3 - Considerações Finais

Segundo estudos recentes da SAE⁹ e do Ipea, vivemos em 2008 o pico demográfico de jovens no Brasil. A partir de então, a juventude brasileira declinará a uma velocidade muito maior do que todas as outras juventudes do mundo. Mas qual a real capacidade de a juventude brasileira ser vetor de desenvolvimento no futuro do país? Será que as condições de trajetória de vida e de acesso a estruturas sociais que lhe conferem identidade estão, de fato, possibilitando a transformação de seus potenciais e sonhos em inserção social e econômica? Reconhecer suas particularidades e potenciais é o primeiro passo para encarar a juventude brasileira, ainda uma incógnita para muitos teóricos e analistas.

O presente estudo apresentou uma caracterização dos “nem-nem” na Cidade do Rio de Janeiro a partir dos dados do Censo de 2000 e 2010. O que chama a atenção do Rio de Janeiro, em particular, é que este percentual é maior quando comparado a outras capitais, além de estar fortemente relacionado à pobreza. As mulheres são maioria entre estes jovens, embora o maior crescimento de “nem-nem” tenha ocorrido entre os homens recentemente. Os jovens “nem-nem” estão mais escolarizados, mas continuam não se inserindo no mercado de trabalho.

Para além da abordagem quantitativa, é preciso compreender ainda melhor quem é o jovem “nem-nem”, o que certamente exigirá um esforço tanto interdisciplinar quanto de integração entre diversos agentes públicos, privados e da sociedade civil. Através desta integração, faz-se necessário e urgente o fomento a Políticas de Inclusão produtiva do jovem e, mais do que isso, de articulação entre essas políticas e o mercado de trabalho, na geração efetiva de oportunidades.

Para aproveitar o melhor desta faixa etária (experimentação, dinamismo, profusão de ideias, ousadia, vontade de transformar a realidade, etc.), é preciso cruzar as oportunidades (setoriais e territoriais) que surgem no cenário carioca – como na área da cultura, do audiovisual, da economia criativa, dos negócios sociais, das mídias sociais, na Região Portuária da Cidade, etc. – para inovar também no desenho destas políticas e programas. É preciso inserir o jovem numa rede de repertórios e de oportunidades, conforme nos mostram alguns projetos inovadores como a Rede de Agência para Juventude.¹⁰

Junto a ações inovadoras neste campo, a maior profundidade dos diagnósticos possibilitará proposições políticas mais reais e assertivas no desafio de tornar a juventude protagonista no desenvolvimento econômico da Cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Adalberto . *Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação*. Caderno CRH (UFBA. Impresso), v. 26, p. 293-314, 2013.

FONTES, Adriana; PERO, Valéria; FERRAZ, Camila. *Desenvolvimento socioeconômico na metrópole e no interior do Rio de Janeiro*. Estudo Estratégico n.6 do Observatório Sebrae/RJ elaborado pelo IETS, setembro de 2013.

SAE (2013). *Juventude levada em conta*. Brasília: 2013. Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf>

⁹Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf>

¹⁰ Mais informações disponíveis em: <http://agenciarij.org/>.